

Representações de juventudes sul-coreanas: produzindo corpos femininos

Resumo

O objetivo deste trabalho é examinar as representações de juventudes femininas, atravessadas e constituídas por ensinamentos referentes às expressões culturais oriundas da Coreia do Sul, mais especificamente por meio da análise do *k-drama Hello, My Twenties!*. A investigação tem como referencial teórico os Estudos Culturais, em articulação com os Estudos de Gênero, aliados à crítica de autores/as pós-estruturalistas. A etnografia de tela é utilizada como recurso metodológico, ao pressupor que as falas, as imagens e as cenas não possuem um sentido único, mas que, ao invés disso, trazem compreensões plurais, dinâmicas e conflitivas. As análises das cenas nos permitiram apreender que as representações sul-coreanas, principalmente das jovens, atuam na construção das formas de posicionar os corpos, de viver as atividades de lazer, realizar os estudos, investir em relacionamentos amorosos, assim como uma forma normativa para viver o gênero e a sexualidade, a heterossexual.

Palavras-chave: estudos culturais; gênero; juventudes; corpos; *k-drama*; *Hello, My Twenties!*.

Justina Bechi Robaski

Universidade Luterana do Brasil –
ULBRA – Canoas/RS – Brasil
justina.robaski@gmail.com

Carin Klein

Instituto Federal de Educação
Ciência e Tecnologia do Rio Grande
do Sul – IFRS – Alvorada/RS – Brasil
carinklein31@gmail.com

Para citar este artigo:

ROBASKI, Justina Bechi; KLEIN, Carin. Representações de juventudes sul-coreanas: produzindo corpos femininos. *Revista Linhas*, Florianópolis, v. 24, n. 55, p. 368-394, maio/ago. 2023.

DOI: 10.5965/1984723824552023368

<http://dx.doi.org/10.5965/1984723824552023368>

Representations of south korean youth: producing female bodies

Abstract

The objective of this paper is to examine the representations of female youth, crossed and constituted by teachings related to cultural expressions from South Korea, more specifically through the analysis of the k-drama *Hello, My Twenties!* The research has as theoretical reference the Cultural Studies, in articulation with Gender Studies, allied to the critics of post-structuralist authors. Screen ethnography is used as a methodological resource, by assuming that the lines, images, and scenes do not have a single meaning, but instead carry plural, dynamic, and conflictive understandings. The analysis of the scenes allowed us to apprehend those South Korean representations, especially of young girls, act in the construction of ways to position the bodies, to live leisure activities, to carry out studies, to invest in loving relationships, as well as a normative way to live gender and sexuality, the heterosexual one.

Keywords: cultural studies; gender; youth; bodies; k-drama; *Hello, My Twenties!*.

Representaciones de las juventudes surcoreanas: producción de cuerpos femeninos

Resumen

El objetivo de este trabajo es examinar las representaciones de las juventudes femeninas, atravesadas y constituidas por las enseñanzas relacionadas con las expresiones culturales de Corea del Sur, más concretamente a través del análisis del k-drama *Hello, My Twenties!*. La investigación tiene como referencia teórica los Estudios Culturales, en articulación con los Estudios de Género, aliados a la crítica de autores posestructuralistas. La etnografía de pantalla se utiliza como recurso metodológico, al asumir que los discursos, las imágenes y las escenas no tienen un único significado, sino que aportan comprensiones plurales, dinámicas y conflictivas. El análisis de las escenas permitió aprehender que las representaciones surcoreanas, especialmente de las jóvenes, actúan en la construcción de formas de posicionar los cuerpos, de vivir el ocio, de realizar estudios, de invertir en relaciones amorosas, así como de una forma normativa de vivir el género y la sexualidad, la heterosexual.

Palabras clave: estudios culturales; género; juventudes; cuerpos; k-drama; *Hello, My Twenties!*.

Introdução

Interessa-nos discutir e aprofundar neste artigo o estudo das juventudes contemporâneas, atravessadas e constituídas por ensinamentos referentes às expressões culturais, oriundas da Coreia do Sul, mais especificamente por meio da análise do *k-drama Hello, My Twenties!*¹ A filiação aos Estudos Culturais, em articulação com os Estudos de Gênero, e também em aproximação com a crítica pós-estruturalista, nos permite compreender as juventudes, enquanto construção social, histórica e cultural. Tomando por base esse referencial teórico, compreendemos as juventudes como plurais e imbricadas a complexas redes de saber e poder na contemporaneidade. São atravessadas e constituídas por ensinamentos que as re/inventam, nomeiam, educam e as circunscrevem a um tempo e condições culturais específicas, capazes de evidenciar o seu caráter de provisoriedade e contingência.

Nessa perspectiva, segundo Dayrell (2005), as juventudes são atravessadas por interações sociais e simbólicas, afetando suas trajetórias, permeadas pela diversidade contextual e sociocultural existente. Há um esforço de quem pesquisa a juventude em desnaturalizar o seu entendimento como um grupo homogêneo, na medida em que ela é perpassada por uma diversidade de condições sociais, culturais, de gênero, de locais, entre outros aspectos que problematizam e atuam na sua constituição, sem chegar a um denominador comum. Dentro desse cenário, as juventudes, assim como as culturas juvenis são fluídas, fragmentadas, “são pluriversas”, transitam entre as pluralidades de alternativas disponíveis e ofertadas (CANEVACCI, 2005, p. 19).

O contexto midiático que nos familiariza, cotidianamente, com representações de mulheres e homens, a exemplo das novelas da TV Globo, traz nas personagens um previsível *happy end*. São enredos que corroboram narrativas de representações *ideais* em que a vida sem filhos e/ou sem o amor do sexo oposto, retrataria uma espécie de incompletude, principalmente, para o feminino. O sentido da vida feminina estaria atrelado à constituição de uma família, agregando casa, marido e crianças para cuidar e educar. Tais representações tornam-se emblemáticas para a análise e a discussão de

¹ K-drama é o nome dos dramas televisivos da Coreia do Sul (e nem a palavra dorama que se refere a uma expressão japonesa que significa drama, com a letra k de Korea). Tal como o dorama, possui um formato híbrido, dividido em capítulos, sendo pouquíssimos os que possuem temporadas sequenciais.

artefatos sul-coreanos, os *k*-dramas, considerando-se a possibilidade de eles não atuarem na direção desses ensinamentos.

Pode-se dizer que as produções audiovisuais da Coreia do Sul, encontraram ampla visibilidade entre a juventude, através dos provedores de *streaming*² e das plataformas na internet. De acordo com Canclini (2008), os múltiplos artefatos midiáticos da atualidade contribuem para a reformulação dos conceitos de local, nacional e global. Os meios audiovisuais e informáticos oferecem às juventudes a possibilidade de acesso a uma formação mais ampla, em um cenário no qual educação, conhecimento e entretenimento se combinam.

Efetuada tais considerações, tornam-se produtivas as análises sobre os contextos interativos e midiáticos que nos propomos discutir. Nessa direção, Sibilia (2012, p. 199) indica que “[...] estamos ‘enredados’ e sobreviver à saturação por hiperconexão parece bem mais difícil, talvez por se tratar de nossa própria batalha e por nela estar em jogo nada menos que nossas vidas”. Assim, a expansão das tecnologias, das mídias e dos acessos está inevitavelmente associada ao grande desenvolvimento e fomento das produções midiáticas. A articulação entre produção e comercialização nos interpela, nos cerca e se faz presente através de uma diversidade de programações e de conteúdo, entre eles, as produções asiáticas com origem na Coreia do Sul.

De forma mais específica, interessa-nos problematizar as representações de juventudes femininas produzidas e colocadas em circulação pela Coreia do Sul, uma vez que são consumidas de forma global. A proposta é lançar um olhar analítico e contribuir no “[...] desafio pela busca da compreensão a respeito do que significa ser jovem e estudante em nossos dias” em meio a produtos da cultura que os/as jovens consomem (BRASIL, 2013). Compreender esses significados, segundo Dayrell e Carrano (2014, p. 103), “é a realização de um preceito básico da antropologia: se queremos compreender, é necessário conhecer. E, da mesma forma, reconhecer experiências, saberes e identidades culturais é condição para o relacionamento e o diálogo”.

Argumentamos acerca do caráter pedagógico dos espaços midiáticos e culturais, tais como *sites*, revistas, livros, séries de tv, filmes, vídeos, músicas, etc., acessados

² É uma forma de transmissão de conteúdo (de áudio e vídeo) *online* através de redes de computadores, especialmente pela internet.

pela juventude contemporânea. São artefatos que compartilham códigos e sentidos da cultura sul-coreana e que traduzem comportamentos, sentimentos, atitudes de amizade, namoro, relacionamento íntimo, instituídas e veiculadas por meio dos *k*-dramas, aqui analisados. Assim, na perspectiva teórica adotada, torna-se produtivo pensar que a mídia divulga e faz circular informação, entretenimento e lazer, ao mesmo tempo em que atua na produção e na veiculação de significados, conhecimentos e representações de gênero e de sexualidade. A seleção do *corpus* de investigação baseou-se em um estudo prévio (ROBASKI, 2019) que envolveu a compreensão de um contexto mais amplo, o *k*-pop, espaço que permitiu realizar algumas observações sobre a juventude consumidora dos artefatos sul-coreanos, em meio a aspectos acerca da internacionalização dos dramas de televisão, ou simplesmente *k*-drama.

As análises referem-se aos episódios da primeira temporada, produzida em 2016, a qual possuía um total de 12 episódios. A proposta metodológica adotada, a etnografia de tela, pressupõe que as falas, as imagens e as cenas, não possuem um sentido único, uma vez que trazem compreensões plurais, dinâmicas e conflitivas (BALESTRIN; SOARES, 2012). O caderno de campo foi um dos procedimentos adotados, possibilitando registrar o que víamos, com as observações mostrando-se como um instrumento útil para as reflexões, possibilitando-nos selecionar as cenas mais potentes para a produção das análises.

A seguir, traçamos o cenário de produção do artefato analisado, considerando a Onda Coreana, o *k*-pop e o *k*-drama, elemento central para essa investigação. Em seguida, analisamos as representações femininas de juventudes e exploramos o modo pelo qual o *k*-drama *Hello, My Twenties!* evidencia os corpos femininos, ao mesmo tempo em que investe e coloca em circulação representações de gênero e sexualidade. Finalizamos a escrita indicando as principais contribuições do estudo, que se referem à des/construção de regimes de verdades e de normas regulatórias na articulação entre juventudes, gênero e sexualidade.

Apresentando o k-drama

Este produto cultural, o *k-drama*, foi responsável pela visibilidade e popularização da cultura *pop* da Coreia do Sul nos países asiáticos, contribuindo para a veiculação do termo *Hallyu* ou “fluxo da Coreia do Sul”, que recebeu a tradução de Onda Coreana. Esse termo foi criado pela imprensa chinesa na década de 1990 para identificar e reconhecer os efeitos da popularização de suas produções culturais, inicialmente pela expansão dos *k-dramas* nos países asiáticos. Na esteira da popularização dos *k-dramas*, inserem-se as expressões musicais, como o *k-pop*, ambos, gradativamente, vindo a ampliar o espaço e a visibilidade dos produtos da Coreia do Sul no mercado mundial de entretenimento.

No ocidente, são populares as novelas, que contam uma história em capítulos, e as séries, com episódios autônomos, mas articulados entre si e exibidos por temporadas. Ao falarmos dos *k-dramas*, deve-se observar enquanto formato e não como um gênero, como aponta o contexto ocidental, o qual apresenta regras de linguagem e de produção de conteúdos que identificam essas produções com características híbridas, “[...] tanto com suas influências asiáticas, quanto com as ocidentais” (MADUREIRA; MONTEIRO; URBANO, 2014, p. 7).

Liz Andrea Zarco Quintero (2016) estabeleceu quatro características que diferenciam os dramas sul-coreanos das produções ocidentais. Primeiro, argumenta que a duração e a quantidade de episódios possuem uma definição prévia, sobre a divisão dos capítulos para desenvolver a história. O segundo elemento refere-se ao conteúdo, disponibilizando uma pluralidade de enredos, abordando diversos temas, tendo geralmente narrativas tradicionais, como as românticas, dedicadas a situações históricas ou de época; as policiais; assim como temas mais recentes, como o *bromance*³ e a mudança de gênero. A terceira particularidade são os valores, associados ao confucionismo, muito representado nas relações sociais e na vida familiar, uma marca da cultura asiática, carregada de códigos e sinais típicos da cultura sul-coreana, que necessitam decodificação adequada desse contexto. Como quarto traço tem-se a música, muitas vezes utilizando-se de cantores ou grupos do *k-pop* e criando a trilha sonora,

³ *Bromance* vem da junção das palavras *brother* e *romance* em inglês e é usado para designar um relacionamento íntimo, mas não sexual, entre dois homens. Disponível em: <https://www.collinsdictionary.com/pt/dictionary/english/bromance>. Acesso em: 30 nov. 2018.

ambos com o intuito de promover o movimento da Onda Coreana, a qual se entrelaça à produção dos ídolos e do *k-pop*, refletindo na estrutura da história que contam.

Da mesma forma, alguns estranhamentos necessitam ser identificados e compreendidos pelo/a espectador/a desse conteúdo cultural, sendo necessária a aprendizagem de elementos da cultura sul-coreana, visto que, nos *k-dramas* estão presentes signos, códigos e significados carregados de sentidos específicos que atravessam as estruturas culturais, entre o local e global. O consumo desse artefato favorece a veiculação de processos simbólicos para a construção de significados e modos de apropriação do material cultural representado nos *k-dramas*.

Para Urbano (2017), as práticas desenvolvidas por fãs no Brasil da cultura japonesa, que, organizados, promoveram o trabalho de *fansub*,⁴ constituíram-se em um cenário promissor para a entrada dos produtos culturais sul-coreanos. Assim, a força das mídias e das possibilidades de conexões entre os/as fãs criou e criam as condições necessárias para o crescimento da popularidade da produção cultural asiática e atualmente a sul-coreana no cenário brasileiro.

Logo, na atualidade, o que se abriu como possibilidade através dos ativos canais de fãs para fãs, está encontrando espaço para divulgação e consumo, por meio das plataformas de *streaming*, como a Netflix e a Amazon Prime. No Brasil, há apenas um canal aberto de televisão, a Rede Brasil, que exhibe esse formato no espaço denominado de *Sessão Oriental*.⁵

Tais produções midiáticas tratam de contextos que envolvem a construção do gênero, da identidade, da orientação sexual, da afetividade e dos arranjos familiares. Expressada e vivenciada por meio de pensamentos, comportamentos, valores, práticas, atitudes, sentimentos e prazeres, gênero e sexualidade ainda ocupam um lugar normalizador e/ou de silenciamentos nos debates contemporâneos. Gênero e sexualidade envolvem sentidos aos corpos (e, para além deles) e inscrevem-se de

⁴ Palavra de origem inglesa, formada da contração de *fan* (fã) com *subtitled* (legendado), ou seja, legendado por fãs.

⁵ Na grade atual, estão apresentando o *k-drama* denominado de “Íris 2 - Conflitos e Paixões”, conforme consta na programação. Rede TV. [S. l.]. Disponível em: <https://rbtv.com.br/horarios/segunda>. Acesso em: 13 nov. 2018.

diferentes formas a partir de contextos históricos, sociais e culturais, orientando e regulando as relações afetivas, as abordagens reprodutivas e do prazer.

Produzindo corpos femininos

Analisar as representações femininas de juventudes, a partir das referências teóricas dos Estudos Culturais e de Gênero, significa explorar o modo pelo qual o *k-drama Hello, My Twenties!* produz, investe e coloca em circulação representações de gênero e sexualidade, e, a partir delas, como os corpos são colocados em evidência. Para isso, atentamos mais detidamente para os comportamentos, as características e os sentimentos que elas devem incorporar enquanto sujeitos de gênero.

Partimos do pressuposto de que as representações de gênero e sexualidade são produzidas em meio a uma pluralidade de práticas sociais, símbolos e instituições. Não são dadas *a priori*, a partir de um corpo biológico, tampouco têm uma sequência natural a seguir, baseadas no corpo-gênero-sexualidade, ou seja, gênero e sexualidade não correspondem a um corpo masculino ou feminino e também não cabem numa ordem binária. Por isso, nos interessa problematizar a construção de regimes de verdades que ao mesmo tempo em que investem em determinados sentidos, também apagam, silenciam ou desprezam que o desejo, a sexualidade e o gênero desligam-se de normas e/ou de uma suposta natureza humana universal. Pelo contrário, são elementos que se diluem, se reinventam, se multiplicam, escapam e transgridem fronteiras e definições (LOURO, 2018).

As análises acompanham o desenvolvimento de uma narrativa na qual observamos cinco jovens mulheres estudantes, tendo a casa, que possui o nome de *belle époque*, como espaço onde ocorrem e se organizam as suas vivências e produzem suas experiências. Contexto no qual se inserem e engendram mecanismos, produzindo pedagogias acerca do gênero e da sexualidade (LOURO, 2010). A sugestão desse nome, *belle époque*, torna-se emblemática e remete ao final do século XIX francês, descrito como a *era de ouro*. Período caracterizado pelo otimismo, pela prosperidade econômica, por inovações tecnológicas e científicas, permitindo grande fruição cultural. Nesse período, evoca-se e cobra-se um comportamento aristocrático, com a exibição de trajes

elegantes, estabelecendo-se regras de embelezamento e de manutenção de uma estética.

As mulheres burguesas, na *belle époque*, obtiveram avanço no acesso à alfabetização. A posição social lhes permitiu o ócio, desfrutado com leituras, um entretenimento acessível. Com a ampliação do público leitor feminino, as mulheres ganharam força e saíram dos pseudônimos masculinos para assumir publicações de mulheres para mulheres. Por intermédio da ficção, realizaram críticas e marcaram suas opiniões, como cita Houbre:

As obras dessas romancistas apresentam tramas narrativas avizinhas nas quais predomina, em suas heroínas, o conflito entre o investimento na vida privada (amor, casamento, maternidade) e o engajamento em uma vida profissional valorizadora (jornalismo, ensino, medicina, direito), conflito que questiona diretamente o teor habitual do relacionamento entre os sexos [...] conflito que questiona diretamente o teor habitual do relacionamento entre os sexos. (HOUBRE, 2002, p. 330)

Dessas referências, fazemos duas reflexões sobre a simbologia da locação utilizada para as narrativas juvenis no *k-drama* examinado. Primeiramente, a mídia, tal como os romances da *belle époque*, apresenta uma história que nos permite refletir e questionar sobre as condições da jovem mulher na contemporaneidade. Segundo, a moradia torna-se um espaço de socialização e de produção de representações de juventudes, a princípio, desassociada de cobranças financeiras, capaz de dedicar-se à formação educacional, ao lazer e à cultura, uma recorrência ao identificar uma parcela da juventude contemporânea, geralmente, proveniente de classes sociais mais privilegiadas. Desta forma, a *belle époque* funciona como um cenário dinâmico, de constituição de regras e códigos para experimentar as vivências e as relações, que nos remete a uma possível romantização do tempo e da condição juvenil.

Para apresentar as protagonistas da narrativa, utilizamos uma imagem de divulgação do *k-drama*, a qual faz referência às características de cada moradora da *belle époque* (Figura 1).

Figura 1 – As protagonistas



Fonte: jTBC. Hello, My Twenties!, 2016. Imagem de divulgação, color. Disponível em: <http://tv.jtbc.joins.com/photo/pr10010422/pm10035649/detail/8247>. Acesso em: 17 jul. 2021.

Compreendemos que a imagem de apresentação das jovens, ao trazer um enquadramento individualizado, passa a produzir um ambiente que as posiciona, ao mesmo tempo em que as diferencia, diante das vivências da juventude, assim como da constituição de seus corpos. No quadro, chama à atenção a construção de uma aparência juvenil, porém, marcada por gostos e preferências específicas. A imagem evidencia investimentos nos corpos das jovens, segundo Louro (2010, p. 15), “[...] de acordo com as mais diversas imposições culturais, nós os construímos de modo a adequá-los aos critérios estéticos, higiênicos, morais para adequarmos aos grupos a que pertencemos”. Assim, seguimos na análise do artefato por meio da descrição das jovens.

A primeira (na margem, à esquerda) é a personagem Jung Ye-Eun⁶ (Han Seung-Yeon⁷), ela se apresenta estampando um sorriso e um corpo esguio. Aparece segurando

⁶ Os nomes coreanos são escritos trazendo primeiramente o sobrenome e depois o nome, formado por duas sílabas. Para os homens, a segunda representa a geração do clã familiar, “já que, culturalmente, a mulher passa a pertencer ao clã de seu marido quando se casar”. Disponível em: <http://www.brazilkorea.com.br/clas-e-nomes-masculinos-na-coreia/>. Acesso em: 3 dez. 2018.

⁷ A atriz é ex-integrante do grupo de k-pop Kara, criado em 2007 e que encerrou suas atividades em 2016.

um espelho e cercada por itens que marcam a preocupação com o corpo belo e esbelto. O quadro parece remeter a um cenário um tanto romantizado, utilizando-se de tons claros, itens e objetos de simbolismos associados ao feminino.

A segunda é Song Ji-Won (Park Eun-Bin), retratada com um comportamento mais descontraído, através de um sorriso extrovertido, piscando um olho e comendo uma banana, com uma perna sobre Jung Ye-Eun. Olhando mais atentamente, observamos alguns livros, mas, entre os travesseiros está uma revista que estampa a imagem de um jovem, mostrando um corpo com músculos bem definidos. É a única imagem masculina presente, exibida em uma revista, remetendo-nos a sentidos de que o interesse pelo sexo oposto está presente, ainda que deva ser postergado.

A terceira a ser apresentada, no centro da imagem, é Yoo Eun-Jae (Park Hye-Soo). Representada por uma feição quase assustada, suas expressões corporais parecem contidas, parecendo isolar-se com o auxílio do uso dos fones de ouvido. Seu cenário é indicado em cores claras e neutras, ao mesmo tempo em que está em meio a livros, frutas, um pote de doce e um grande urso de pelúcia, sobre o qual repousam seus pés.

A quarta integrante é Kang Yi-Na (Hwa Young), a jovem que mais explora o imperativo da sensualidade, por meio do olhar e da pose provocativa, uma volúpia vinculada às categorias da beleza e da magreza. Seu ambiente é marcado por muitos sapatos de salto e bolsas de vários estilos, remetendo à representação de uma mulher adulta, sem referências ao estudo ou ao trabalho. Utilizam-se, em seu cenário, cores vivas e brilho, diferenciando-a e constataando-a das outras jovens.

A última integrante é Yoon Jin-Myung (Han Ye-Ri). Ela está deitada sobre um sofá, com uma bebida em uma das mãos e outras próximas ao corpo, os pés repousam sustentados por travesseiros, remetendo ao relaxamento após um dia exaustivo. Seu cenário é marcado pela presença de livros e notas autoadesivas, objeto que reforça a lembrança de múltiplas atividades, podendo vinculá-la ao estudo e ao mundo do trabalho.

Apresentadas as personagens, destacamos uma condição comum, presente nas jovens: todas são brancas e apresentam corpos esbeltos, alongados, tornando visível e valorizada uma determinada representação do corpo feminino, a qual todas demonstram aderir. Segundo Andrade (2003), “em séculos anteriores, a gordura foi sinônimo de

saúde, beleza e sedução”, mas, na contemporaneidade, a magreza encarna o novo ideal de beleza, já um corpo gordo representa “[...] falta de controle sobre o corpo e, por extensão, também falta de controle sobre a própria vida” (2003, p. 126-127). Assim, a magreza ou um corpo *bem definido* acaba por indicar determinados sentidos de pertencimento, *escolhas* que aparecem marcadas no corpo e significadas e/ou avaliadas no âmbito de uma determinada cultura.

Sobre a produção de corpos femininos, a historiadora Del Priore (2001) indica que a grande maioria das mulheres fez (e faz) uso de mecanismos de valorização corporal, principalmente, ao produzir e utilizar estratégias e recursos de dissimulação e (ou) embelezamento. Para esse fim, cada época produziu (e produz) algum recurso de manipulação do corpo, do espartilho à prótese de silicone. Segundo a autora, com o propósito de constituir uma aparência mais bela, recorre-se a objetos em que pomadas, cremes e maquiagens tornam-se cânones de beleza estética, considerados como recursos fundamentais para a valorização dos traços, principalmente, os femininos. Para Del Priore (2001, p. 95), o século XXI impõe mecanismos que condicionam o corpo feminino ao imperativo de explicar “[...] a beleza do corpo por sua juventude, sua juventude por sua saúde, sua saúde por sua beleza”.

O ato de veicular, nomear e classificar atua na construção de representações de gênero, instituídas pela linguagem e pela cultura, na medida em que atuam na direção de atribuir significados e explicar o mundo (HALL, 1997). Partindo dessas compreensões, os questionamentos da personagem Jung,⁸ produzidos nas cenas do episódio 2 (HELLO, 2016)⁹, tornam-se emblemáticos para compreendermos o *k-drama* enquanto produtor de sentidos específicos acerca das feminilidades das jovens. Para isso, destacamos que Jung sente-se mulher, condição assumida pelo fato de somente ela, entre as moradoras da casa, ter namorado. Nessa lógica, ser mulher significa vivenciar relações amorosas e sexuais com alguém do gênero masculino.

⁸ Jung Ye-Eun tem 22 anos, é estudante de Nutrição e caracterizada como uma jovem romântica e delicada. Tem o namoro, aparentemente, como sua única preocupação. A seguir, utilizaremos o sobrenome das jovens, o que corresponde, na cultura sul-coreana, ao primeiro nome utilizado na descrição das personagens da trama. Dito isso, nas análises, identificaremos as personagens pelos nomes de Jung, Song, Yoo, Kang e Yoon, que correspondem ao sobrenome ou nome da família.

⁹ Utilizaremos, para identificar os diálogos extraídos dos demais episódios, a letra E seguida do número correspondente ao episódio a que pertence.

Nas cenas, vemos Jung como uma garota que possui um vestuário no qual predominam tons delicados e suaves, adornados com babados e rendas. Para preservar o corpo magro e desejável, ela mantém um controle rigoroso sobre sua alimentação, e quando verifica excessos culpabiliza-se por estar desviando-se dos *limites*. De acordo com Andrade (2013, p. 113), “[...] a sombra da obesidade e a ideia de um corpo ‘disforme’ parece pesar tanto quanto a consciência daquela e daquele que come”. Seu comportamento vincula-se à manutenção da aparência, utilizando maquiagem leve e delicada, tendo o batom sempre retocado, ou seja, ela investe energia e tempo inserindo em sua rotina práticas de cuidado com a beleza da pele e com os cabelos. Suas atitudes e comportamentos se alinham a referências de uma feminilidade dócil e meiga.

O acontecimento que a faz questionar quem mais seria feminina, bela e capaz de ter um envolvimento ocorre quando ela encontra no varal da casa uma cueca, no estilo samba canção, em tecido xadrez, secando em meio às suas roupas íntimas, todas em tons de rosa. Nesse momento julga, apressadamente, ser de seu namorado, esquecida após algum momento furtivo, já que a principal regra da casa se define em: “não são permitidos homens” (HELLO, 2016). A jovem sai de casa mantendo a peça de roupa escondida em sua bolsa. Inicia assim, a tentativa de devolução do objeto ao seu dono.

Ao chegar à casa do namorado, Jung afirma: “Como você pode esquecer algo assim? Se souberem que você esteve lá, poderia ser expulsa!” (HELLO, 2016), já que estaria infringindo a principal regra de convivência, ninguém poderia saber de seus encontros. Quando o namorado olha, diz não usar aquele modelo de cueca, ao que Jung anuncia: “Eu não teria me desesperado se soubesse que não era sua” (HELLO, 2016). Então, subentende-se que há outra moradora desobedecendo à regra, porém, qual jovem também estaria transgredindo o combinado?

Jung mantém um comportamento de submissão em relação ao namorado, uma vez que se esforça para estar sempre pronta aos seus interesses, preocupando-se em manter uma aparência para estar e sentir-se desejável. Para atender aos desejos do namorado, faz concessões; quando ele se mostra insensível, indelicado ou grosseiro, finge estar sempre *bem*, investe na manutenção do sorriso e da animação para manter os sentimentos de contrariedade velados. Insere-se em uma lógica dicotômica, simplista e reduzida, na qual se supõe a relação masculino-feminino como constituída pela “[...]”

oposição entre um polo dominante e outro dominado” (LOURO, 2011, p. 37). As faltas do namorado, como atrasar-se, cancelar planos e ser agressivo tornam-se naturalizadas naquele contexto, com ela mantendo uma postura de estar sempre disponível e acessível para quando ele chama ou quando *só quer transar*¹⁰, comportamentos plenamente justificados, pois, para ela são características *próprias dos homens*.

Chegando à *belle époque*, encontra Yoo¹¹ sozinha. Partindo de seu questionamento, ela inicia a *investigação* sobre qual das jovens se enquadraria em seus padrões de feminilidade. Nesse processo investigativo, passa a analisar determinados comportamentos, características, gestos, atitudes e aparência dos corpos das demais colegas. Para Goellner (2013, p. 31), “[...] um corpo não é apenas um corpo”, constitui-se de seus entornos e contornos, produto de roupas e acessórios, dos elementos selecionados e escolhidos para operar na formação de uma estética. A autora afirma que “[...] não são, portanto, as semelhanças biológicas que o definem, mas, fundamentalmente, os significados culturais e sociais que a ele se atribuem” (GOELLNER, 2013, p. 31).

Inicia indagando-se a partir de Yoo; vinda de uma cidade do interior, tem 20 anos, pode-se dizer *adulta*, na idade de *experimentar coisas*, de realizar *brincadeiras* de adultos. Porém, ela é lembrada pelas colegas, sobre sua condição de *inocência* e *imaturidade*, marcada pela ausência de experiências com relacionamentos. Suas atividades vinculam-se, fundamentalmente, à vida estudantil, pois seu tempo livre é dedicado aos livros e às visitas à biblioteca. Parece viver como se estivesse em um *monastério*.

A jovem Yoo veste-se com roupas confortáveis, largas e soltas, sem preocupações com rotinas de embelezamento. Porém, ao descobrir-se interessada por um rapaz, remodela suas vestimentas, passa a demonstrar uma preocupação em vestir-se para o outro. Assim, com o interesse de Yoo pelo colega de aula Shin Yool-Bin, a jovem Jung vislumbra a oportunidade de ensinar-lhe a produzir uma feminilidade, fazendo-a usar

¹⁰ Atos envolvendo as vivências da sexualidade não são notabilizados nos episódios. Não há cenas com corpos nus, mostram-se apenas pequenas imagens alusivas, de forma tímida e recatada, com partes do corpo sem roupa, havendo referências de que houve ou irá ocorrer o ato sexual, sem apresentar imagens mais explícitas de sexualidade.

¹¹ Yoo Eun-Jae apresenta-se como bastante tímida, sendo a mais jovem e a última a ser inserida na casa. Estudante de Psicologia, iniciando sua vida sem a supervisão parental, mas mantendo-se com o auxílio financeiro desses.

roupas e adornos tidos como mais femininos, produzindo uma alteração em sua forma de vestir-se, ensinando-lhe a produzir uma aparência direcionada ao desejo do outro.

Apesar de ser considerada imatura pelas colegas, Yoo mostra-se equilibrada e sensata nas interações que mostram sua relação com a mãe. Nessa condição, ela demonstra assumir uma representação de jovem responsável e madura ao cobrar da mãe uma postura *mais apropriada* no relacionamento com seu padrasto, pois visualiza na figura materna demonstrações de uma postura pueril, produzindo falas como: “Você precisa se cuidar, mãe! Eu preciso falar tudo?” (E7, 2016).

De acordo com Kang (2014), a juventude sul-coreana é geralmente liberada da vigilância atenta dos pais quando se tornam estudantes universitários. O ingresso nessa etapa acadêmica é marcado por forte processo competitivo, conduzido tanto pelos pais quanto professores nos períodos anteriores, a advertir e supervisionar as/os jovens a manterem-se afastados de relacionamentos amorosos. Cabe destacar que tal vigilância não é condição isolada, mas encontra-se presente em instituições que compreendem os comportamentos amorosos como nocivos e um risco¹² à condição juvenil.

A segunda avaliada é Song, uma jovem de 22 anos, estudante de jornalismo. Com um comportamento extrovertido e extravagante, suas roupas parecem alegres, “encarna sua liberdade” (E6, 2016), suas companheiras julgam seus trajes como sem possuir qualquer referência à moda, tendo um *estilo próprio*. A trilha sonora que acompanha a personagem é alegre e divertida, uma produção latina¹³ denotando alegria, sensualidade, irreverência e entusiasmo. Demonstra liberdade em seus “encontros às escuras”, dos quais recebe retornos com frases do tipo: “você é uma pessoa legal, mas quero só amizade” (E3, 2016). Jung retoma seus ensinamentos e faz avaliações de comportamentos considerados inapropriados à mulher. Ao questionar Song, se foi ela quem teve a iniciativa nas brincadeiras e gracejos, obtém a resposta, com um aceno de cabeça, de “sim”; faz um segundo questionamento: “Ele falou tanto quanto você?” (E3, 2016), obtendo como resposta: “Para ser precisa, acho que falei 75% do tempo” (E3,

¹² Segundo Mary Jane Spink et al. (2008), risco torna-se um conceito em uma época que se torna factível pensar e planejar o futuro. Mais tarde, estrutura-se como uma prática para a gestão das coletividades, sustentando-se no cálculo das possibilidades, estando a definição imbricada com valores e ordens morais.

¹³ Música com o título What Up? do MC e produtor hispano-boliviano Héctor Guerra. O refrão da letra traz “Eu quero dançar, eu quero comemorar, da vida eu vou ficar bêbado”. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Z_Q-fWiKJHo. Acesso em: 5 jan. 2019.

2016), respostas que causam decepção em Jung. A Figura 2 apresenta momentos em que Jung está ensinando às companheiras da *belle époque*, Song e Yoo, a produção de uma feminilidade *mais atraente* e semelhante a sua:

Figura 2 – A personagem Jung e seus ensinamentos



Fonte: Hello (2016). À esquerda, Jung e Song no Episódio 3 (00:43:19); à direita, Yoo e Jung no Episódio 6 (00:39:36) – ambos da primeira temporada.

Assim, por mais que Song queira um relacionamento afetivo-amoroso, sua postura é por manter uma posição de independência. Para afirmar essa representação, ela se posiciona dizendo: “você deveria ser uma mulher independente no século XXI” (E7, 2016)¹⁴, afastando-se de representações femininas calcadas na dependência e/ou conveniência de ter um homem como protetor e/ou provedor. Em sua suposta *liberdade*, Song demonstra possuir maior facilidade, entre as jovens, em falar sobre sexo, estando sempre disposta a falar sobre o assunto. Segundo Weeks (2010, p. 41), “a linguagem da sexualidade parece ser avassaladoramente masculina”, talvez por isso seja considerada a *desviante* naquele contexto, enquanto assunto de jovens estudantes adultas. Song possui uma postura que indica uma feminilidade independente e forte, uma jovem que reconhece e aprecia sua imagem, suas qualidades e seu comportamento.

¹⁴ A imagem com essa fala foi utilizada como uma referência na tradução de Isabelle Simões, publicada no site Deliriumnerd, em 16 mar. 2017, para um artigo produzido pela filósofa feminista Nancy Fraser, originalmente publicado no The Guardian, a respeito da ambivalência das lutas feministas e as apropriações pelas pautas neoliberais. Disponível em: <http://deliriumnerd.com/2017/03/16/como-o-feminismo-se-tornou-servo-do-capitalismo-e-como-reconquistalo/>. Acesso em: 20 jan. 2019.

A jovem Song nos permite ampliar a reflexão sobre a sexualidade da mulher naquele contexto, ao lembrar e reforçar às colegas o conselho: “deve usar camisinha quando fizer sexo, ok?” (E4, 2016). Os diálogos proferidos por Song evidenciam a viabilidade de viver a sexualidade associada à possibilidade de vivê-la pelo prazer. A liberdade na utilização de métodos contraceptivos está implicada e organizada nas e pelas relações sociais, “[...] com a produção e atribuição das diferenças de gênero” e na vivência do prazer na sexualidade (MEYER; KLEIN; ANDRADE, 2007, p. 235).

Em uma festa, promovida na *belle époque*, Song questiona os homens: “Digo, olhem para o meu rosto, para o meu corpo. Eu tenho uma ótima personalidade. Então, por quê? Vocês odeiam mulheres perfeitas?” (E6, 2016). Sente-se plena e valoriza-se. As lições da extrovertida Song seguem no decorrer dos episódios, quando não se deprime ou fica angustiada por não ter um namorado, mesmo tendo como um de seus objetivos ter um relacionamento (ou apenas sexo), indicando que há múltiplas possibilidades para as vivências femininas, que não estão, necessariamente, em vincular-se a um relacionamento afetivo-amoroso¹⁵ como sinônimo de felicidade e/ou completude.

Assim, Jung descarta Song, pois, apesar de participar de vários encontros, ela se incomoda por ainda ser virgem aos 22 anos. Então, não deveria ser ela a *infratora* da principal regra da casa, pois suas atitudes e comportamentos *mais livres* reiterados por não se submeter ao propósito de atender às expectativas masculinas, aparentemente, afastam-na de seus potenciais pretendentes.

Tendo a si mesma como representação mais adequada de feminilidade, Jung continua a busca pela *garota descumpridora* depois de descartar as moradoras mais jovens, Yoo e Song, por parecerem improváveis, pois demonstram não terem experiências sexuais. Falta, então, conversar com as jovens Yoon e Kang para revolver a questão.

Yoon¹⁶ é descrita por Jung, como uma jovem pouco feminina, como alguém que jamais usa maquiagem, “às vezes nem lava o rosto” (HELLO, 2016). Tem 28 anos e ainda

¹⁵ Nesse artefato não há menção a outras formas de relacionamentos, além do heterossexual.

¹⁶ Yoon Jin-Myung é a moradora mais antiga e mais velha da casa. Mantém uma rotina para conseguir conciliar trabalho e estudo. Para manter-se financeiramente e poder custear a formação acadêmica no curso de Administração e Negócios, possui três empregos de meio expediente: em um restaurante, em uma loja de conveniência e lecionando aulas de reforço.

amarra o cabelo com um “rabo de cavalo”, tampouco “vai a um salão de beleza”. Suas roupas são escuras, largas e soltas e se veste “com o que é mais fácil de usar” (E6, 2016), demonstrando descompromisso com padrões considerados mais adequados à mulher e à feminilidade. Nas análises de representações de gênero evidenciam-se as formas e usos de roupas, adornos e acessórios, práticas estéticas e/ou esportivas, seguidas por formas de manifestar sentimentos e comportamentos, conferidos ou não legitimados socialmente, para corpos femininos e masculinos. Nesse sentido, Jung indaga-se: “Qual rapaz se interessaria por uma menina que não cuida da aparência, não relaxa, está sempre correndo e focada no trabalho e nos estudos?” (HELLO, 2016), ou seja, não investe na produção e em características de uma feminilidade hegemônica.

Nas imagens, vemos Yoon como uma jovem que necessita equilibrar tempo e energia para conciliar suas rotinas de trabalho e de formação acadêmica. Em razão da jornada em um de seus empregos, em um restaurante, é a última a chegar em casa, por isso, é a responsável por trazer consigo cervejas, sendo esse um dos poucos momentos de descontração: beber e estar com as garotas da *belle époque*. Sua condição socioeconômica não lhe permite vivenciar muitas possibilidades de fruição de lazer da mesma forma que suas colegas. Segundo Dayrell (2007, p. 1109), “[...] a escola e o trabalho são projetos que se sobrepõem ou poderão sofrer ênfases diversas, de acordo com o momento do ciclo de vida e as condições sociais que lhes permitam viver a condição juvenil”.

Jung constrói e reconstrói uma lógica que a faz compor a feminilidade, tendo a si como referência e, nesse percurso, declara Yoon como alguém incapaz de vivê-la. Acompanhamos, nos episódios, imagens que corroboram a fala da Jung: “ela não tem tempo livre! Como ela teria tempo de dormir com alguém?” (HELLO, 2016). Contudo, entre as cenas de dedicação ao trabalho e ao estudo, aparece também um colega de trabalho, o jovem Park Jae-Wan. As imagens mostram o rapaz esperando por Yoon com um copo de água gelada ou tendo preparado um doce acompanhado de uma xícara com leite, ou ainda lhe oferecendo carona quando ela perde o ônibus. Ao ser inquerido por ela sobre a razão dessa atenção, ele declara: “Preciso mesmo de um motivo, para fazer isso por você?” (E6, 2016).

O jovem Park incorpora a postura de conquista por meio de atitudes e comportamentos associados ao afeto, à sensibilidade e à gentileza, ações que a jovem Yoon pede para ele não manter, pois “dificultará as coisas”, e ela insiste: “quando eu acho que alguém gosta de mim, me torno fraca” (E5, 2016). A trilha sonora que acompanha a jovem Yoon é marcada por um tom de melancolia, denotando que suas experiências são marcadas por duras e tensas decisões¹⁷. Apresenta-se séria, determinada, concentrada e empenhada em suas metas e objetivos, com os poucos momentos de descontração sendo associados às interações com as colegas da casa.

A última garota é Kang, considerada uma garota *exibicionista*, que gosta de mostrar seu corpo, evidenciando seus contornos. Aos olhos de Jung, “ela faz isso tudo para tentar seduzir os homens” (HELLO, 2016). Ao mostrar cenas da jovem Kang fazendo atividades ao ar-livre, mostram-na correndo e realizando atividades físicas, enquanto os homens aparecem caindo, perdendo o equilíbrio, curvando-se para acompanhar os seus movimentos. Mas, mesmo Kang exibindo um corpo sensual, apresenta certas regras e padrões para com as roupas e partes do corpo que podem (ou não) estar em evidência; por exemplo, não há decotes profundos ou mesmo que mostram o colo e seios femininos.

De acordo com Jung, por ela ser sedutora e a única a não dividir o quarto, possui as condições ideais para ser a *transgressora*. Kang imediatamente é inquerida sobre a peça de roupa e prontamente responde: “os homens com os quais saio não usam coisas baratas assim” (HELLO, 2016). Para reforçar, ela traz outra informação: “além do mais, por que faria isso? Seria cansativo ter que lavar depois. Prefiro ir a um motel” (HELLO, 2016). Assim, a jovem Kang anuncia que se relaciona com múltiplos parceiros, deixando a jovem apreensiva.

A representação de feminilidade produzida pela jovem Jung constitui-se enquanto um processo “[...] contínuo, repetitivo e interminável [...]” com a intenção de marcar “[...] nos corpos o gênero e a sexualidade ‘legítimos’” (LOURO, 2018, p. 16). “Essa é uma grande tarefa das pedagogias culturais: estabelecer sentido de pertencimento com

¹⁷ Nas relações de Yoon Jin-Myung há a presença da mãe e um irmão. A narrativa apresenta a informação de que ele está internado a um longo tempo em condição vegetativa. Seu estado amplia as dificuldades financeiras e de manutenção de afetividade nas relações parentais. Esse contexto traz à discussão um tema sensível, a eutanásia, assunto no qual não iremos nos aprofundar.

uma determinada representação, aquela da norma heterossexual, no caso do trinômio gênero – sexualidade – corpo” (SEFFNER; FIGLIUZZI, 2011, p. 52). Os comportamentos, atitudes, gestos e falas apresentados nos episódios, demonstram que algumas feminilidades escapam, tentam, de forma sutil, fugir do modelo hegemônico de feminilidade, da mulher delicada, dócil e gentil.

As cenas selecionadas para a discussão indicam que há determinados conhecimentos acerca das formas de aprender e de se tornar mulheres e homens no interior dos grupos e sociedades aos quais pertencem, que se insere no que sugere Meyer (2013, p. 17), ao tomar de forma ampliada o conceito de educação, referindo-se às “[...] estratégias sutis e refinadas de naturalização que precisam ser reconhecidas e problematizadas”.

Fechado o ciclo de possibilidades, as jovens, ao apresentarem uma complexidade para o feminino, contestam a representação de Jung. Por não haver localizado a dona da cueca, Jung joga o objeto no lixo. Yoon acorda e encontra todas reunidas, vê a cueca descartada e questiona: “por que tiraram do varal e colocaram no lixo?”. Momento de surpresa. Ela complementa: “havia sido uma solicitação da senhoria¹⁸ para afastar um homem que estava circulando pelo prédio” (HELLO, 2016).

O rapaz que estava circulando pelos arredores da *belle époque* era um jovem apaixonado pela jovem Kang, que a abordava com presentes e flores, sempre recusados. Em uma de suas abordagens, eles acabam discutindo, e suas colegas se aproximam para apoiá-la quando ele declara: “O que você está fazendo se chama prostituição! Eles te compram com dinheiro! Você é uma pessoa preciosa. Eu vou te ajudar! Eu não conheço seu passado, mas eu vou te salvar!” (HELLO, 2016). Nesse momento, Kang declara quase como uma máxima do feminismo: “É meu corpo e minha vida” (HELLO, 2016),¹⁹ evidenciando pensar fora da lógica de que necessita ser *salva* ou que necessita unir-se a alguém por amor. No decorrer dos episódios são apresentados alguns relacionamentos de Kang. Na dinâmica profissional da jovem, cabe a ela proceder com a escolha de seus

¹⁸ Moradora do prédio apresentada como a síndica, com mais idade que as jovens, também mora e vive sozinha.

¹⁹ Referindo-se à célebre frase: “meu corpo, minhas regras”.

pretendentes, estabelecendo critérios para relacionar-se vinculados à disponibilidade financeira e ao desejo de não manter um vínculo emocional.

Para Kang, ela tem uma “vida fácil graças à juventude e à aparência”; classifica Yoon como “não tendo um rosto e um corpo” (E3, 2016) adequado para conquistar um “namorado”, entendido como alguém com poder para lhe proporcionar retorno financeiro. Kang investe na estética e na sensualidade, condição que carrega sentidos vinculados ao prazer e à conquista, vestindo roupas que moldam as curvas de seu corpo, artifício utilizado com a intencionalidade de provocar olhares de desejo.

A jovem Kang utiliza-se de estratégias de sedução a fim de obter lucratividade e boas oportunidades. Condição vinculada a sua profissão, a prostituição, pouco aceita nas sociedades, uma vez que explorar o corpo para obter dinheiro e prazer é geralmente alvo de reprovação, mas torna-se um caminho que lhe permite frequentar determinados lugares, obter conforto e luxo. A relação entre a jovem e seus “amantes” é considerada por ela como a interpretação de um papel: “eu entro em seus filmes e sou paga por isso” (E3, 2016). A sexualidade, mesmo fazendo parte das cenas dessa jovem, não é explorada no *k-drama*, de forma a evitar qualquer associação com pornografia que corpos nus poderiam gerar.

O *k-drama* evidencia um modo de viver a sexualidade associado à moralidade e, fundamentalmente, à heterossexualidade. Nas cenas analisadas, quando apresentam beijos e abraços, mostram a presença de uma vigilância constante; estar com o sexo oposto é um momento para ser vivenciado na intimidade, no privado, mantendo-se uma espécie de decência pública, que pode estar vinculada ao preceito ético e moral do confucionismo. Segundo Piletti (2012, p. 16), “a filosofia de Confúcio prioriza a ética nas relações pessoais e políticas [...]”, criando um sistema moral que valoriza a família e as tradições. Desse modo, as experiências sexuais são pouco apresentadas e sugerem vergonha e embaraço quando ocorrem em público, mesmo para a jovem que tem o sexo como profissão.

As jovens Kang e Jung articulam-se em meio a representações de feminilidade distintas, indicando diferenças em torno de como ser e se comportar enquanto mulheres jovens. Kang expressa uma feminilidade sexy. Song lhe apresenta como a “mestra do erotismo, professora Kang!” (E9, 2016). Já Jung ocupa o lugar de mulher associada ao

recato. Produz-se nessa relação uma dicotomia entre a *mulher da vida* e a *mulher do privado*, uma divisão simplificada a partir de características consideradas mais ou menos aceitáveis no âmbito da sociedade. Ser passiva, dócil e sensível colocar-se-ia em oposição à feminilidade que vivencia a sexualidade de forma mais livre, como se essas características pertencessem a polos opostos, associando-se a uma noção essencialista, na qual marca o desejo por uma vivência livre da sexualidade como um desvio, não podendo coexistir e/ou conflitar-se com outras. Nesse jogo, insere-se o controle da sensualidade e da aparência feminina, a fim de afastá-la dos perigos, presentes na beleza e na sexualidade feminina (DEL PRIORE, 2011).

Após algumas tensões, promovidas principalmente por Jung, por convicções, inclusive religiosas, acerca da atividade profissional de Kang, esta deixa a casa. Condição que não dura muito, pois os laços de afetividade entre as jovens mostram-se mais fortes, não cabendo a elas julgar as escolhas pessoais, aceitando as diferenças, dando apoio às decisões, promovendo diálogos em vez de conflitos, práticas apresentadas ao longo da narrativa. A solidariedade, o companheirismo e o apoio de uma mulher para com a outra são atitudes abordadas no *k-drama*, em que a amizade feminina está presente na maneira como se apoiam nas escolhas e opções na forma de viver as possíveis feminilidades e produzir suas experiências, alicerçadas na empatia e no respeito. A figura 3 apresenta momentos em que as jovens demonstram afetividade.

Figura 3 – Momentos de afetividade entre as moradoras da *belle époque*



Fonte: Hello (2016). À esquerda, amigas no Episódio 8 (00:57:33); à direita, momentos de confraternização no Episódio 12 (01:02:08), ambos da primeira temporada.

Assim, essa relação entre jovens com percursos diferentes explicita a possibilidade da convivência, tendo o respeito às experiências individuais como premissa das relações. Vemos cenas que mostram as relações sendo construídas a partir da exclusão ou de distanciamento de pré-julgamentos. Ensino demonstrado no diálogo entre Song e Yoo sobre as circunstâncias que levam, no julgamento delas, Jung a ter baixa autoestima. Song comenta com a mais jovem: “Todo mundo tem suas próprias razões. Você não pode julgar as pessoas antes de saber suas razões [...] há algo que ninguém consegue entender sobre você. É por isso que você não pode julgar as pessoas à toa [...]” (E8, 2016).

Entendemos que esse diálogo sintetiza o desejo de ensinar certos comportamentos tidos como necessários para a convivência com o outro, indicando o tom que deve permear as formas de viver e as interações, tendo as moradoras da *belle époque* como exemplo. Nesse sentido, seguimos as palavras de Balestrin (2012), ao dizer que:

A amizade entre as mulheres é um tema marcante no filme [e também aqui no *k-drama*] e, de certa forma, promove condições de possibilidade para suas movimentações e deslocamentos (de gênero e de sexualidade). [...] A solidariedade e a amizade nesse contexto tornam-se uma questão política ou mesmo uma questão de sobrevivência. (BALESTRIN, 2012, p. 84)

Característica observada por jovens que assistiram ao *k-drama* e o recomendam, uma vez que destacam a amizade entre as mulheres como um “ponto alto” da série. A relação de amizade estabelecida entre elas compõe a forma de abordar diversos temas no decorrer dos episódios.

Para finalizar

Ao realizarmos uma análise cultural, as cenas nos permitiram apreender que as representações sul-coreanas, principalmente das jovens, produzem formas de posicionar os corpos, o lazer, os estudos, os relacionamentos amorosos, assim como uma forma normativa para viver o gênero e a sexualidade, a heterossexual. Diante disso, podemos pensar que as representações veiculadas nesse *k-drama* não escapam da sequência sexo-gênero-sexualidade, ficando questões do tipo: como ficam as (e os) jovens que não se veem representadas(os) nesse contexto? Qual a importância política que essa discussão

toma em nossa cultura? Sobre os corpos femininos, podemos pensar que são marcados por sentidos relacionados à sedução devido a uma condição profissional, em contraponto aos corpos desleixados, que levam a não sedução e (ou) o não encontro de um namorado. O cenário apresenta uma terceira possibilidade, do corpo da jovem segura, com independência emocional ao investir em um “corpo para si”, que não a impede de exercer um relacionamento afetivo ou apenas sexual.

Podemos dizer que as análises trouxeram elementos que ora reforçam, ora borram as lógicas hegemônicas de viver o gênero e a sexualidade. De um lado, e mais fortemente, parece haver um movimento de resgate das relações amorosas e sexuais, colocando-as na intimidade e para que sejam vividas no privado, ao validar sentidos de recato, vergonha, timidez, silenciamento, namoro e a necessidade de conquista. De outro, a juventude vivenciada por meninas representadas como mais seguras, livres, abertas e confiantes em seus desejos e que, por isso, carregam sentidos de quem só pensa em si e vive o prazer pelo prazer.

Acreditamos que a potência dessa discussão para o campo da educação diz respeito à problematização dos regimes de verdades e das normas regulatórias para o gênero e a sexualidade, produzidas e veiculadas em artefatos da cultura contemporânea que insistem em educar os/as jovens como comportar-se, sentir, consumir, cuidar-se e relacionar-se. Nesse sentido, examinar e insistir em aprofundar as análises do que é ensinado em diferentes artefatos culturais, encaminha-nos à compreensão e à desnaturalização dos processos que nos tornam sujeitos de determinados tipos e dos lugares que ocupamos em diferentes instituições, como a escola, a família, a religião, o trabalho e o Estado.

Encerramos esta discussão acerca de um artefato cultural contemporâneo, no campo da Educação, nos apoiando nas palavras de Seffner e Figliuzzi (2011, p. 49), ao afirmarem que “Um bom professor [e bom profissional da educação] é aquele que reconhece a ação das pedagogias culturais, e isso vale com especial vigor para os temas do gênero, da sexualidade e da construção corporal”.

Referências

ANDRADE, S. D. S. Saúde e beleza do corpo feminino – algumas representações no Brasil do Século XX. **Movimento**, Porto Alegre, p. 119-143, jan./abr. 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/viewFile/2665/1298>. Acesso em: 15 nov. 2018.

ANDRADE, S. D. S. Mídia impressa e educação de corpos femininos. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 109-123.

BALESTRIN, P. A. **O corpo rifado**. 178 f. 2012. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

BALESTRIN, P. A.; SOARES, R. "Etnografia de tela": uma aposta metodológica. In: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. (orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 87-110.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Formação de professores do ensino médio, etapa I - caderno II: o jovem como sujeito do ensino médio**. Curitiba: UFPR/Setor de Educação, 2013.

CANCLINI, N. G. **Leitores, espectadores e internautas**. Tradução: Ana Goldberger. São Paulo: Iluminuras, 2008.

CANEVACCI, M. **Culturas eXtremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles**. Tradução: Alba Olmi. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

DAYRELL, J. **A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

DAYRELL, J. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, out. 2007. Número especial. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/RTJFy53z5LHTJjFSzq5rCPH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 9 mar. 2018.

DAYRELL, J.; CARRANO, P. Juventude e ensino médio: quem é este jovem que chega à escola. In: DAYRELL, J.; CARRANO, P.; MAIA, C. L. **Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte: UFMG, 2014. p. 101-134.

GOELLNER, S. V. A produção cultural do corpo. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (orgs.) **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 30-42.

DEL PRIORE, M. **Histórias do cotidiano**. São Paulo: Contexto, 2001.

DEL PRIORE, M. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Planeta, 2011.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

HELLO, My Twenties!. Direção: Lee Tae-gon e Kim Sang-ho. Seul: Celltrion Entertainment, 2016. 1 vídeo (70 min.), son., color.

HOUBRE, G. A *belle époque* das romancistas. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 325-338, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9600>. Acesso em: 7 mar. 2018.

KANG, I. It all started with a bang the role of pc bangs in South Korea's cybercultures. In: KIM, K. H.; CHOE, Y. (ed.). **The korean popular culture reader**. London: Duke University Press, 2014. *E-book*.

LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (org.) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. p. 07-34.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação uma perspectiva pós-estruturalista**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho**. 3. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

MADUREIRA, A. V. A. C.; MONTEIRO, D. D. S. M.; URBANO, K. C. L. Fãs, Mediação e cultura midiática: dramas asiáticos no Brasil. **I Jornada Internacional GEMInIS**. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2014.

MEYER, D. E.; KLEIN, C.; ANDRADE, S. D. S. Sexualidade, prazeres e vulnerabilidade: implicações educativas. **Educação em revista**, Belo Horizonte, p. 219-239, dez. 2007.

MEYER, D. E. Gênero e educação: Teoria e política. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo**. 9ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 09-27.

PILETTI, C. **História da educação: de Confúcio a Paulo Freire**. São Paulo: Contexto, 2012. v. I.

QUINTERO, L. A. Z. Dramas coreanos en Colombia: una reflexión desde sus contenidos y otras formas de narrativas. **Questión**, Argentina, v. 1, n. 52, p. 402-419, 2016.

ROBASKI, J. B. **Representações de juventudes sul-coreanas: uma análise cultural do k-drama Hello, my twenties!** Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2019.

SEFFNER, F.; FIGLIUZZI, A. Na escola e nas revistas: reconhecendo pedagogias do gênero, da sexualidade e do corpo. **Entreideias: educação, cultura e sociedade**, Salvador, n. 19, p. 45-59, jan./jun. 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.9771/2317-1219rf.voi19.5228>. Acesso em: 18 fev. 2019.

SIBILIA, P. **Redes ou paredes**: a escola em tempos de dispersão. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SPINK, M. J. *et al.* Usos do glossário do risco em revistas: contrastando “tempo” e “públicos”. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 1-10, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v21n1/a01v21n1.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2019.

URBANO, K. Entre japonesidades e coreanidades pop: da Japão mania à onda coreana no Brasil. **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Curitiba, n. 40, p. 1-17, 2017.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. L. (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. p. 35-82.

Recebido em: 08/04/2022
Revisões requeridas em: 18/10/2022
Aprovado em: 12/11/2022

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE
Revista Linhas
Volume 24 - Número 55 - Ano 2023
revistalinhas@gmail.com